

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural

Active methodologies and their approximations to the sociocultural pedagogical approach

Vitória Oscar de Azevedo
Denise Paiva D'Avila Melo
Universidade Veiga de Almeida (UVA)
Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

Os estudos do campo da educação constantemente voltam-se para a superação da passividade do estudante, criticando as metodologias transmissivas. A pedagogia sociocultural revelou a necessidade da valorização dos aspectos histórico-culturais que formam os sujeitos. As metodologias ativas, que ganharam relevância com a pandemia do COVID-19, chamam atenção para uma aprendizagem significativa, crítica e desafiadora. Nesse sentido, entende-se ser preciso ampliar os estudos sobre as metodologias ativas a fim de articulá-las à abordagem pedagógica sociocultural objetivando o desenvolvimento da criticidade, reflexão e autonomia dos estudantes. Para tal, fez-se uso de pesquisas qualitativas e bibliográficas, através das quais foi possível identificar na Aprendizagem Personalizada, Aprendizagem Baseada em Problemas e Sala de Aula Invertida aproximações à abordagem pedagógica sociocultural.

Palavras-chave: Metodologias ativas; aprendizagem ativa; pedagogia sociocultural.

Abstract

Studies in the field of education constantly focus on overcoming student passivity, criticizing transmissive methodologies. Sociocultural pedagogy revealed the need to value the historical-cultural aspects that make-up the subjects. Active methodologies, which gained relevance with the COVID-19 pandemic, call attention to meaningful, critical and challenging learning. In this sense, it is understood that it is necessary to expand studies on active methodologies in order to link them to the sociocultural pedagogical approach aiming at the development of criticality, reflection and autonomy of students. To this end, qualitative and bibliographic research was used, through which it was possible to identify in the Personalized Learning, Problem-Based Learning and Flipped Classroom approximations to the sociocultural pedagogical approach.

Keywords: Active methodologies; active learning; sociocultural pedagogy.

Introdução

Avanços dentro do campo educacional contribuíram e continuam a contribuir para a superação do ensino tradicional pautado na passividade dos estudantes. Autores como Paulo Freire ajudam a perceber a importância de uma educação concebida no diálogo, na prática, na reflexão e na ação. No mundo atual não há mais como nos satisfazermos com sujeitos passivos e acríticos, muito menos com professores que sabem tudo e com alunos que apenas reproduzem o que lhes é passado.

Entretanto, muitas discussões giram em torno do melhor método de ensino, quando a real preocupação deveria ser com quais metodologias os estudantes aprendem melhor e além: quais são as estratégias mais adequadas ao desenvolvimento de competências como autonomia, diálogo, reflexão e pensamento crítico. A partir destas considerações, supõe-se que o processo de ensino-aprendizagem deve ser pensado na perspectiva sociocultural, também nomeada como histórico-cultural, que percebe o sujeito como detentor e produtor de conhecimento, que forma e é formado pela cultura, não na perspectiva tradicional que desumaniza o professor e descaracteriza o estudante.

Sendo assim, é possível fazer uso das metodologias ativas, estratégias que cresceram em importância e necessidade com a pandemia do COVID-19 e a consequente virtualização das aulas. Essas estratégias não são pensadas apenas como maneiras de ensinar, mas como caminhos para a construção de uma aprendizagem significativa, crítica e desafiadora e, portanto, contribuem para a formação do estudante como um sujeito sociocultural e para a superação da ideia de aluno como mero reproduzidor de informações.

Por isso, entendendo a importância da formação de sujeitos socioculturais, este trabalho objetiva verificar as contribuições das metodologias ativas para o processo de ensino-aprendizagem na busca pelo desenvolvimento de estudantes autônomos, críticos, criativos e ativos. Para isso, será realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, bibliográfica, a fim de explorar determinados conceitos fundamentais à discussão que aqui se apresenta.

Fundamentando-se em autores como Moran (2018), Valente (2018) e Mattar (2017) será possível compreender o campo das metodologias ativas, suas características, vantagens e desafios. Autores como Vygotsky (2010; 1991) e Freire (2021; 2019) contribuirão para o entendimento do conceito e da importância da abordagem pedagógica sociocultural. Além disso, outros escritores serão consultados a fim de ampliar e enriquecer o tema que aqui se discute.

Metodologias ativas: algumas definições

De acordo com Moran (2018), metodologias ativas são estratégias pedagógicas centradas no sujeito estudante, não no professor. Nessa abordagem, o processo educacional não é focado no conteúdo, mas na aprendizagem do estudante em suas necessidades e potencialidades. Como Valente (2018) aborda, essas metodologias oportunizam a construção do conhecimento por permitirem que o aluno assumira uma postura mais participativa. As metodologias ativas apresentam diversas estratégias - que mais adiante serão apresentadas com alguns detalhes - fáceis de serem adaptadas ao contexto da sala de aula ou fora dele, podendo ser trabalhadas com o indivíduo e com o coletivo, a depender dos objetivos estabelecidos.

Ainda que este cenário tenha adquirido maior visibilidade no contexto pandêmico, devido à necessidade de adaptação das práticas educacionais presenciais às medidas de distanciamento, as metodologias ativas já se mostraram presentes em trabalhos de autores tidos como clássicos. Mattar (2017) coloca que mesmo Sócrates (469-399 a. C.) já apresentava as bases para a futura aprendizagem ativa através de seus questionamentos àqueles que iam ao seu encontro em busca de conhecimento.

Algum tempo depois, na pedagogia freiriana, encontra-se elementos para fundamentar a discussão acerca das metodologias ativas. Freire (2019), na busca da superação da educação tradicional, bancária – na qual o educando é levado a realizar processos de forma mecânica, sendo cheio pelas informações que o professor deposita – trata de alguns conceitos fundamentais à aprendizagem ativa, como a práxis. Para o autor, é necessário esse movimento de ação e reflexão para a superação da situação de submissão. Além disso, quando o educador reflete sobre sua prática, passa a ter maior consciência sobre seu papel de mediador, deixando de se perceber como detentor de todos os saberes.

As metodologias ativas levam o estudante à atividade e fazem com que ele seja responsável pela construção do seu processo de aprendizagem (MATTAR, 2017; MORAN, 2018). E, analisando o contexto atual, percebemos como o fazer uso dessas estratégias é de fundamental importância para o desenvolvimento dos sujeitos. Devido às dificuldades que o ensino presencial e a educação como um todo têm enfrentado, é grande o número de alunos obrigados a estudar sozinhos, sem apoio da família, sem ferramentas adequadas e às vezes até mesmo sem o suporte da escola. E não que as metodologias aqui apresentadas

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural sejam o remédio para todos os males da educação, mas a aplicação delas poderia diminuir ou até evitar os impactos negativos que estão sendo causados pela pandemia na aprendizagem dos estudantes.

A aplicação dessa perspectiva centrada no estudante como sujeito ativo desenvolve a autonomia, a consciência de si e a autoestima, assim, o estudante adquire competências e habilidades que o levam a compreender a sua aprendizagem. Logo, o sujeito percebe-se como produtor de conhecimento, torna-se pesquisador e coloca-se como um aluno ativo que vai à busca de saberes e não mais aceita a posição passiva de ser vazio necessitado de ser preenchido pelos conhecimentos do docente. Por outro lado, o professor vai se aproximando do conceito de educador colocado por Freire (2019). Um educador que não sabe tudo, que não é um banqueiro, mas um educador mediador que se mostra um aliado ao estudante em sua aprendizagem. O docente das metodologias ativas é aquele que orienta o aluno a ir além do que já sabe, por isso questiona, motiva e media (MORAN, 2018).

Pode-se ter a impressão de que à medida que os estudantes fazem escolhas sobre sua aprendizagem menos o educador necessita participar do processo, ou seja, torna-se menos professor. No entanto, o que ocorre é o contrário, conforme o sujeito adquire mais criticidade, autonomia e responsabilidade, mais educador é o professor. Isso porque

educador e educandos (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento (FREIRE, 2019, p.77-78).

Portanto, o professor coloca-se também como aprendente, pois aprende com seu educando à medida que este cada vez mais se posiciona como ativo em sua aprendizagem.

Vygotsky (2010) também aborda a importância de se considerar e valorizar o conhecimento do estudante, estimulando-o a ser mais ativo em sua aprendizagem e contribuindo para seu desenvolvimento. De acordo com o psicólogo, “a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história” (VYGOTSKY, 2010, p. 109). Logo, não podemos considerar as tradicionais aulas expositivas, nas quais apenas o professor compartilha informação, como a única e melhor ferramenta de ensino e aprendizagem. Os estudantes precisam de espaços e oportunidades para mostrar que sabem e o que sabem, para aprender enquanto ensinam e para desenhar os caminhos de sua aprendizagem.

Essa valorização dos saberes que os estudantes trazem consigo é um dos pontos centrais das metodologias ativas, porque é perceber que não há apenas um método para se chegar ao conhecimento, mas vários. As metodologias ativas são uma maneira de democratização da educação, pois com elas os sujeitos estão abertos a novas ferramentas, tecnologias, estratégias e abordagens, podendo flexibilizar e adaptar o processo de ensino-aprendizagem às suas condições físicas, aos seus conhecimentos e às suas necessidades.

Nesse sentido, percebe-se as metodologias ativas como concordantes da abordagem sociocultural da educação, portanto, elas podem ser aliadas do processo de ensino-aprendizagem que objetiva desenvolver sujeitos críticos, autônomos, criativos e conscientes de seu papel no mundo.

A abordagem pedagógica sociocultural

A abordagem pedagógica sociocultural surgiu a partir dos estudos de Vygotsky (2010) acerca da aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Segundo o autor, aprendizagem e desenvolvimento não são processos coincidentes, mas interdependentes à medida que a aprendizagem desperta o desenvolvimento e este amplia aquela. Esses processos, por sua vez, decorrem das experiências em sociedade, da apropriação histórica e cultural do meio pelo sujeito (MENDES; PORTES, 2016). De acordo com Coelho e Pisoni (2012), as características humanas, em consequência sua aprendizagem e desenvolvimento, surgem da interação do sujeito com a sociedade porque enquanto ele transforma o meio, transforma a si mesmo.

Sendo assim, entendendo que há uma interação do sujeito com o meio antes mesmo do início da escolarização, compreende-se que a criança, ao chegar ao espaço escolar, não é uma folha em branco a ser preenchida pelo professor, pois ela já alcançou determinado nível de aprendizagem e desenvolvimento. Ou seja, a aprendizagem escolar não é o ponto de partida do desenvolvimento humano, mas decorre de um desenvolvimento alcançado antes do ensino sistematizado, graças às aprendizagens que se deram em contextos sociais anteriormente à escolarização. Na perspectiva sociocultural, essas aprendizagens independentes do ensino formal são entendidas como conhecimentos cotidianos, que resultam da experiência, da vivência (COELHO; PISONI, 2012). Para além desses conhecimentos, há os conhecimentos científicos adquiridos no contexto escolar, através da educação formal.

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural

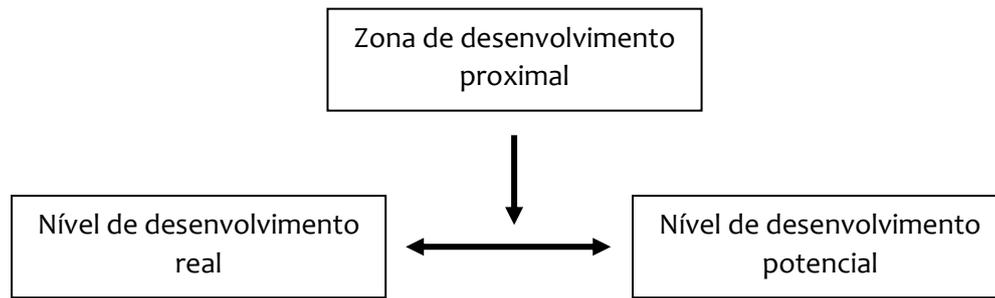
Nesse sentido, Vieira (2009) afirma ser um dos papéis da escola articular os conhecimentos novos e velhos, científicos e cotidianos. Para tal, o professor precisa desenvolver a capacidade de pensar certo. De acordo com Freire (2021), pensar certo é respeitar o senso comum, entendendo ser necessária a sua superação, como também estimular a capacidade criadora do estudante. Portanto, percebe-se que na teoria sociocultural há o respeito e a valorização dos conhecimentos que os educandos trazem consigo, tomando-os como impulsionadores da aprendizagem formal.

Na teoria sociocultural há uma diferenciação entre funções psicológicas elementares e superiores. O primeiro grupo diz respeito às ações involuntárias, como as sensações, enquanto o segundo refere-se às atividades mais elaboradas e intencionais, como a fala ou outro uso social da linguagem (LUCCHI, 2006). As funções superiores são adquiridas e desenvolvidas através da interação do sujeito com a sociedade e cultura, produtos de um processo histórico. Essas funções são internalizadas desde muito cedo e podem ser manifestadas na fala, no comportamento, nas crenças.

Aplicando essas ideias de Vygotsky ao contexto escolar é possível compreender o real papel da escola. A instituição escolar ou o professor não são responsáveis por ensinar tudo aos estudantes, porque estes chegam à escola já com conhecimentos, frutos das suas funções superiores. A ação escolar deve se dar em busca do desenvolvimento e ampliação dessas funções, ou seja, “o papel da escola, por esse viés, consiste na socialização do saber sistematizado” (VIEIRA, 2009). Já o papel do docente, entendendo que o sujeito é formado por relações dialéticas e processos histórico-culturais, é mediar a interação do estudante com o conhecimento, a fim de que este desenvolva suas funções superiores e alcance novos estágios de aprendizagem.

De acordo com Vygotsky (2010; 1991), o estágio de aprendizagem de cada criança deve ser definido com base nas funções que ela exerce de forma independente e naquelas que ela exerce com algum tipo de ajuda. Ao primeiro nível dá-se o nome de desenvolvimento efetivo ou desenvolvimento real, ao segundo chama-se zona ou nível de desenvolvimento potencial. Entre esses dois níveis há a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), na qual estão as funções em amadurecimento. Na figura 1 é possível visualizar o que seria a ZDP e seus níveis de desenvolvimento.

Figura 1 – Zona de desenvolvimento proximal



Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Sendo assim, ainda que duas crianças estejam no mesmo nível de desenvolvimento real é possível, e muito provável, que elas possuam níveis de desenvolvimento potencial diferentes. Isso porque cada sujeito percebe o mundo de uma maneira e cada um traz em si vestígios de diferentes culturas e hábitos, visões de contextos diversos. Segundo Vygotsky (2010, p. 113):

A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação.

O conceito de ZDP, assim como outros estudos de Vygotsky (2010; 1991), mostra que a prática pedagógica não pode se basear apenas em metodologias transmissivas, com pouca ou nenhuma relação com a realidade e interesses dos estudantes. Todo o processo de ensino-aprendizagem deve considerar o contexto dos sujeitos aprendentes, estimular a interação e o diálogo, possibilitar a exposição e troca de saberes. Como Coelho e Pisoni (2012) concluem, a escola precisa valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes, usando-os como propulsores da aprendizagem e do desenvolvimento.

Consoante esse pensamento, Freire (2021, p.24, grifo do autor) defende que “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O educador então critica a educação bancária, na qual o professor é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, pois esta “conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado” (FREIRE, 2019, p.80). Nessa concepção de educação, comumente identificada como pedagogia tradicional, há supervalorização dos conhecimentos científicos e o apagamento dos saberes histórico-culturais, o ato educativo dá-se apenas pela reprodução de informações e não produção de conhecimento.

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural

Segundo a educação progressista proposta por Freire, a prática pedagógica precisa ser dialógica. A educação não deve ocorrer em apenas um sentido, do professor para o aluno, porém deve ser um ciclo, do docente para o estudante e deste para aquele. O papel do processo de ensino não é somente transmitir informações, mas desafiar os sujeitos a produzirem seu próprio conhecimento sobre aquilo que lhes é comunicado. Uma metodologia conscientizadora possibilita aos estudantes pensar o mundo criticamente (FREIRE, 2019).

Como visto, é preciso repensar as práticas pedagógicas a fim de superar as metodologias transmissivas, abrindo espaço para a troca entre professores e estudantes e para a construção do conhecimento de forma colaborativa. Além disso, as metodologias de ensino não podem pautar-se somente em saberes científicos e aulas expositivas, pois essas ações desconsideram o processo de aprendizagem e desenvolvimento de cada um e descaracterizam a formação sociocultural da qual todos somos resultados.

Algumas metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural

É preciso pensar e desenvolver práticas pedagógicas voltadas para a valorização dos conhecimentos histórico-culturais para que os estudantes, a partir da análise crítica de sua realidade, superem a posição de receptores, passando a perceberem-se como sujeitos de conhecimento. O desenvolvimento desse sujeito sociocultural pode dar-se de diversas formas. As metodologias ativas apresentam diferentes abordagens que mesmo partindo do princípio “aluno responsável por sua aprendizagem” podem representar diferentes caminhos para o mesmo objetivo. Assim, o processo de ensino-aprendizagem acaba sendo flexibilizado. Devido a grande diversidade de abordagens, é necessário conhecê-las de forma não superficial para que seja possível selecioná-las e empregá-las da melhor maneira de acordo com os objetivos, ferramentas disponíveis e predisposições de alunos e professores.

Como mencionado anteriormente, a partir do conceito de ZDP apresentado por Vygotsky (1991), percebe-se que cada sujeito tem níveis de desenvolvimento real e potencial diferentes. Portanto, não há como lançar mão de um único planejamento, de uma única estratégia, de uma única metodologia e esperar que todos os estudantes aprendam o mesmo e na mesma intensidade. Um processo de ensino-aprendizagem estático e inflexível não atende nem ao menos as necessidades do professor, visto que as aulas são tão

engessadas que o próprio docente se vê incapaz de fazer intervenções, de interagir, de construir e de aprender com seus alunos. Logo, atenderá muito menos as necessidades dos estudantes que são únicos, com vivências, realidades, potencialidades e dificuldades diferentes.

A partir disso, é necessário pensar e desenvolver estratégias adaptáveis às individualidades de cada sujeito, porém muitos professores sofrem com o sucateamento da educação e não é nada incomum um docente ministrar aulas para turmas com 40, às vezes até 50 alunos. Assim, como é possível realizar um planejamento adaptável a todos e fazer uso de estratégias pedagógicas que se adequem, não somente ao desenvolvimento real, mas também ao nível de desenvolvimento potencial de diferentes sujeitos? Nessa perspectiva, podemos ter a Aprendizagem Personalizada como a abordagem adequada, senão ideal, para superar o caráter inflexível do ensino tradicional.

Segundo Moran (2018), a Aprendizagem Personalizada é uma abordagem que se adapta às necessidades e às preferências dos estudantes. Nessa estratégia pedagógica o ensino é mais flexível e o aluno tem acesso a uma aprendizagem correspondente aos seus níveis de conhecimento real e potencial. Com a Aprendizagem Personalizada o sujeito aprende melhor e de forma mais significativa, pois aprende com técnicas e ferramentas que melhor se enquadram a sua realidade e a sua forma de aprender. O processo de ensino-aprendizagem deixa de ser visto como algo estático, engessado e torna-se dinâmico à medida que sofre alterações para se encaixar adequadamente nos perfis dos alunos.

A personalização da aprendizagem constitui-se na construção de diferentes trilhas de aprendizagem, estando o sujeito livre para escolher qual o melhor caminho para ele. Sabe-se que cada pessoa manifesta diferentes inteligências e aprende de uma forma única a partir de diversos instrumentos, portanto é interessante que o docente faça uso de diferentes recursos como vídeos, textos, jogos, *podcasts*, aulas expositivas e outros, e assim, escolhendo as ferramentas que melhor lhe satisfazem, o estudante vai construindo sua aprendizagem.

Na abordagem da Aprendizagem Personalizada, o educando tem autonomia para escolher como se dará sua aprendizagem, ele participa do desenvolvimento das atividades, junto ao professor, para que estas estejam de acordo com suas preferências e questionamentos (VALENTE, 2018). A personalização da aprendizagem é um importante

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural
exemplo das metodologias ativas porque nessa abordagem o processo educacional não é somente pensado para o estudante, mas por ele. Assim sendo, os alunos são mais motivados e estimulados a aprender, não precisam estudar apenas os conteúdos de um currículo pronto, podem ir além e estudar o que lhes causa curiosidade e inquietação, o que lhes interessa, o que faz sentido para eles dentro de suas realidades.

Na prática, essa abordagem ainda é pouco utilizada, pois há grandes desafios para sua implantação. Personalizar a aprendizagem exige da escola e do professor o trabalho de conhecer profundamente cada aluno, suas limitações, potencialidades, interesses e aspirações - o que nem sempre é possível de se fazer dentro de turmas com grande número de matriculados. Além disso, é preciso que o educando conheça a si mesmo, pois “a personalização encontra seu sentido mais profundo quando cada estudante se conhece melhor e amplia a percepção do seu potencial em todas as dimensões” (MORAN, 2018, p.43). Para Valente (2018), as tecnologias são grandes aliadas nesse processo de personalização da aprendizagem, visto que há plataformas e ferramentas digitais capazes de auxiliar o educador na coleta e avaliação de dados e informações referentes aos estudantes e seus processos formativos, além de adaptarem-se facilmente às preferências de cada aluno.

Há diferentes estratégias de personalização da aprendizagem, como um roteiro básico que pode ser explorado conforme o ritmo do estudante, estando este livre para realizar as atividades e avaliações quando e quantas vezes quiser, e as rotações por estações (MORAN, 2018). A rotação por estações é um conjunto de atividades práticas, sendo elas realizadas em diferentes sequências e por diferentes estudantes organizados em grupos. Nessa abordagem, ao menos uma atividade deve ser realizada online, essas estações podem ou não contar com a supervisão do professor e a ordem da realização das atividades fica a critério dos estudantes, sendo imprescindível que todos passem por todas as estações a fim de garantir que tenham acesso as mesmas experiências educacionais (BES, 2019; BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

O trabalho com a rotação por estações facilita a personalização da aprendizagem por oferecer aos sujeitos diversas ferramentas (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015), assim os alunos podem explorar em diferentes intensidades os recursos que melhor correspondem ao seu perfil. Além do grande leque de instrumentos educacionais como textos, vídeos, jogos, debates, há também uma diversificação nos modelos de estações. Bes

(2019) lista as seguintes estações: da pesquisa; de brainstorming; mão na massa; de representação; de apresentação. Em cada estação explora-se uma faceta da aprendizagem e do conteúdo trabalhado. De acordo com o autor, é até mesmo possível fazer uso da dramatização dentro da rotação.

A utilização de diferentes estações enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pois apresenta o mesmo tema de diferentes perspectivas fazendo uso de diversas técnicas e tecnologias, oferecendo ao estudante maiores oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. Cada estação pode explorar especificamente habilidades como raciocínio, sistematização, comunicação, autonomia, proatividade. Algumas estações podem ser planejadas visando o individual, explorando relações intrapessoais, o autoconhecimento e a autonomia. Por outro lado, há estações que preveem o trabalho em grupo, logo estimulam a sociabilidade, relações interpessoais, a resolução de conflitos e a mediação. Para Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 54), “é importante valorizar momentos em que os estudantes possam trabalhar de forma colaborativa e aqueles em que possam fazê-lo individualmente”. Sendo assim, as rotações por estações são ideais para que ocorra a personalização da aprendizagem.

Além da necessidade de atender a níveis de desenvolvimento diferentes, a pedagogia sociocultural pressupõe a formação de um sujeito crítico, reflexivo e autônomo. No entanto, essa formação depende de muitos elementos. Para Freire (2019), uma dessas condições é a tomada de consciência por parte do educando. A educação deve ocorrer por meio de processos que rompam com o ensino bancário, no qual o estudante não tem voz, mas internaliza e reproduz passiva e acriticamente aquilo que lhe foi imposto. Como oposição a esse caráter transmissivo, encontra-se na pedagogia freiriana a educação problematizadora.

Com caráter político e social, a abordagem problematizadora consiste na investigação da realidade dos estudantes. Assim, em um processo investigativo da realidade “por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo” (FREIRE, 2019, p.134). De acordo com Cyrino e Toralles-Pereira (2004), a problematização fundamenta-se na dialogicidade, através da qual educando e educador aprendem juntos por meio de descobertas e experiências significativas. Portanto, ao se fazer um breve estudo sobre metodologias ativas, pode-se identificar a abordagem ativa da Aprendizagem Baseada

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural
em Problemas (ABP) como correspondente da educação problematizadora elaborada por Freire, ainda que elas possuam divergências em sua essência.

A ABP é uma metodologia pensada inicialmente para a área de medicina e compreende uma aprendizagem a partir de problemas (MATTAR, 2017). O professor-tutor apresenta a pequenos grupos um problema que pode ser real ou simulado, contanto que esteja de acordo com os objetivos da disciplina e com os conteúdos do currículo. Os estudantes em grupo então investigam o caso criando hipóteses sobre as causas dos problemas e elaborando as próximas etapas do processo. Logo, eles projetam e apresentam os resultados a partir de conhecimentos pré-existentes, além de verificarem seus saberes e analisarem suas aprendizagens. Terminadas essas etapas, parte-se para o estudo de um novo problema, novamente definido pelo tutor. Dessa maneira, pode-se dizer que o objetivo geral dessa metodologia é levar os alunos a identificarem suas necessidades de aprendizagem (PESSI, 2019; MATTAR, 2017).

De acordo com Pessi (2019), essa abordagem coloca os estudantes em contato com situações próximas a sua realidade, ou seja, há a contextualização do conteúdo e a valorização do saber e da cultura do sujeito. A ABP é uma proposta transdisciplinar que tem como um de seus princípios o método científico (MORAN, 2018). Os estudantes aprendem observando, fazendo perguntas, criando problemas, elaborando hipóteses, investigando e descobrindo possíveis causas para as problemáticas estudadas.

Assim como na problematização de Freire, a ABP também foge do professor transmissor de conhecimento, pois o educador assume papel de mediador, criando situações ideais para que ocorra a aprendizagem e estimulando os estudantes a tomarem decisões por si mesmos (PESSI, 2019). O tutor, como é visto o docente da ABP, orienta os estudantes a fim de que a interação entre eles seja produtiva e auxilia-os na elaboração e sistematização dos conhecimentos necessários à produção de soluções para os problemas (SANTOS, 2019).

A metodologia ativa ABP, como visto até aqui, contribui em grande escala para o desenvolvimento de competências necessárias à formação do sujeito histórico-cultural, assim como a problematização proposta por Freire. No entanto, para melhor entendimento das singularidades e especificidades de cada metodologia, visando as melhores práticas para a construção da autonomia, criticidade, criatividade e aprendizagem, faz-se necessário uma comparação entre a ABP e a problematização. Tal comparação não tem fim

classificatório, apenas se objetiva possibilitar um maior aprofundamento em cada perspectiva para que se amplie os conhecimentos acerca delas. Sendo assim, de acordo com os autores abordados nesse tópico, caracteriza-se a ABP e a problematização das seguintes formas:

Quadro 1 – As características da ABP e da problematização

	ABP	Problematização
Ponto de partida	Problemas apresentados pelo professor-tutor.	Problemas retirados da realidade dos estudantes.
Objetivo	Levar o estudante a identificar suas necessidades de aprendizagem.	Transformar a sociedade, desenvolver cidadania, emancipação.
Caráter	Profissional, científico e formador de habilidades.	Político, dialógico.
Conhecimentos	Técnicos, científicos, já elaborados.	Novos, em construção, culturais.
Discussão	Em grupos e de forma individual.	Sempre em grupo.
Fim	Elaborar soluções para serem discutidas.	Elaborar intervenções.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Como verificado no Quadro 1, a problematização e a ABP em muito diferem uma da outra, ainda que ambas trabalhem a partir de problemas. No entanto, como Cyrino e Toralles-Pereira (2004) destacam, as duas abordagens valorizam o aprender a aprender ao promoverem uma aprendizagem significativa. Nessas metodologias, encontra-se a superação das metodologias transmissivas e uma predileção pela construção do conhecimento, tendo o estudante como ponto central do processo de ensino-aprendizagem.

Borges e Alencar (2014) vão além e afirmam que a ABP dá maior relevância à construção de conhecimento do que ao acúmulo de informação característico da educação tradicional. A Aprendizagem Baseada em Problemas favorece não somente a aquisição de determinados saberes que serão cobrados em avaliações, mas principalmente o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à vida profissional. Assim como na problematização, há uma preocupação em desenvolver o senso crítico dos sujeitos para que eles possam contribuir positivamente para a sociedade da qual fazem parte, sendo cidadãos e profissionais autônomos, conscientes e criativos.

As metodologias apresentadas neste tópico podem também contribuir para a implementação de outra metodologia ativa, a Sala de Aula Invertida. Mattar (2017) afirma

As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural que a Sala de Aula Invertida, podendo ser classificada como metodologia ou modalidade de ensino, tornou-se possível com o desenvolvimento das tecnologias, já que essa abordagem pode ser percebida como um tipo de *blended learning* – mistura entre educação presencial e online. Como o nome já diz, nessa metodologia ativa há a inversão das atividades que comumente ocorrem no espaço escolar, pois estas passam a acontecer fora do ambiente de aprendizagem formal.

Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os estudantes acessam os conteúdos e materiais didáticos antes das aulas presenciais (VALENTE, 2018). Fazendo uso das tecnologias os alunos têm seu primeiro contato com o objeto de estudo, realizam atividades, produzem pesquisas e até respondem a avaliações. No momento presencial, há espaço para dúvidas, atividades práticas, revisões de conteúdo, atividades individuais e coletivas, correções e discussões (BES, 2019; VALENTE, 2018; MATTAR, 2017).

Por ser uma metodologia *blended*, a Sala de Aula Invertida pressupõe o uso das tecnologias de informação e comunicação. A aplicação dessas ferramentas facilitará o acesso prévio dos estudantes ao material, além disso a turma pode realizar avaliações e outras atividades online que ficarão registradas no ambiente virtual para posterior acesso do docente. Assim o professor poderá realizar o diagnóstico de cada aluno em relação ao conteúdo abordado, verificando quais pontos necessitam ser retomados em sala de aula (VALENTE, 2018).

Ainda que a Sala de Aula Invertida esteja atrelada ao uso das tecnologias digitais, fazer uso dessas ferramentas não necessariamente resulta em uma aprendizagem ativa, pois as metodologias ativas dizem respeito à participação do aluno e ao controle do processo de ensino-aprendizagem por parte do estudante (VALENTE, 2018; MATTAR, 2017). Inverter a sala de aula significa desafiar o estudante a buscar e construir o conhecimento, não ocupando mais o lugar de passividade ao qual a pedagogia tradicional o submete.

Para Mattar (2017), a aprendizagem invertida constitui-se de quatro pilares: Ambiente Flexível; Cultura da Aprendizagem; Conteúdo Intencional; Educador Profissional. O educador profissional em muito se assemelha à concepção de Freire (2021) de que ensinar é uma prática crítica e dialética, que exige a reflexão sobre a prática. Outras aproximações da Sala de Aula Invertida à abordagem pedagógica sociocultural são percebidas na valorização do conhecimento dos estudantes, pois a inversão da aula está pautada no

entendimento de que os sujeitos podem sim contribuir para o processo educacional com seus saberes elaborados além do espaço escolar.

Como visto nesse tópico, as metodologias ativas são diversas e têm muito a contribuir com a formação do sujeito idealizado pela pedagogia sociocultural. Promover a aprendizagem ativa é respeitar o tempo, a aprendizagem, o desenvolvimento, a realidade de cada estudante, explorando esses aspectos a fim de formar um sujeito crítico, reflexivo e autônomo.

Considerações finais

Há muito existe a necessidade de repensar o processo de ensino-aprendizagem e isso vem gerando grandes discussões e estudos dentro do campo educacional. No entanto, há que se ressaltar que a pandemia de COVID-19 evidenciou a urgência de novas abordagens pedagógicas, a fim de desenvolver nos estudantes competências relacionadas à autonomia e autogerenciamento. Nesse novo contexto, as metodologias ativas ganharam destaque e passaram a ser implementadas em maior escala.

Através dos estudos bibliográficos realizados foi possível compreender as metodologias ativas como abordagens pedagógicas adequadas ao desenvolvimento da autonomia, criticidade e reflexão. As metodologias ativas aqui apresentadas – Aprendizagem Personalizada, Aprendizagem Baseada em Problemas e Sala de Aula Invertida – superam as abordagens transmissivas, respeitam e valorizam as especificidades de cada sujeito, levando em conta seus conhecimentos prévios, suas potencialidades e limitações. A aprendizagem ativa que aqui se promove vai ao encontro da abordagem pedagógica sociocultural e por isso é grande aliada da prática pedagógica pautada nos estudos de Vygotsky e Freire.

Destaca-se a necessidade de continuar ampliando os estudos acerca das metodologias ativas a fim de promover um maior entendimento delas, possibilitando a aplicação dessas metodologias nos espaços escolares. Além disso, faz-se necessário revisitar as bases teóricas da pedagogia sociocultural para que seja possível uma profunda articulação dessa teoria com as metodologias mais atuais.

Referências

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo;

- As metodologias ativas e suas aproximações à abordagem pedagógica sociocultural*
TREVISANI, Fernando de Mello. (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** (recurso eletrônico). Porto Alegre: Penso, 2015. p.47-65.
- BES, Pablo. Rotação por estações e dramatização. In: Bes, Pablo et al. **Metodologias para aprendizagem ativa**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. p.57-74.
- BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidéia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, ano 3, n.4, p.119-143, jul-ago. 2014.
- COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped**, Osório, v.2, n.1, p.144-152, ago. 2012.
- CYRINO, Eliana Goldfarb; TORALLES-PEREIRA, Maria Lúcia. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.3, p.780-788, maio-jun. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Revista de Currículum y Formación Del Profesorado**, v.10, n.9, p. 1-11, 2006.
- MATTAR, João. **Metodologias ativas: para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- MENDES, Leila de Carvalho; PORTES, Luiza Alves Ferreira. **Psicologia da aprendizagem**. 4. ed. Rio de Janeiro: UVA, 2016
- MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** (recurso eletrônico). Porto Alegre: Penso, 2018. p.34-72.
- PESSI, Ingrid Gaer. Aprendizagem baseada em projetos e em problemas. In: Bes, Pablo et al. **Metodologias para aprendizagem ativa**. Porto Alegre: SAGAH, 2019. p.125-138.
- SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem**. Olinda: IFPE, 2019.
- VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** (recurso eletrônico). Porto Alegre: Penso, 2018. p.73-102.
- VIEIRA, Renata de Almeida. Implicações pedagógicas da abordagem histórico-cultural: aproximações. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Paraná, 2009. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2951_1662.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

VYGOTSKY, LévSemenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na infância. In: VYGOTSKY, LévSemenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103-117.

_____. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

Sobre os autores

Vitória Oscar de Azevedo

Graduanda em Pedagogia – Licenciatura na Universidade Veiga de Almeida, campus Tijuca/RJ (2021). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre 2018 e 2020. E-mail: vitoriaoscardeazevedo@gmail.com Orcid: 0000-0003-0268-3469

Denise Paiva D'Ávila Melo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com habilitação em Supervisão Educacional (1979), Administração Escolar (1981) e Magistério (1987); mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na área de concentração Tecnologia Educacional; pós Graduação em Educação com apoio da Informática (1998). Professora titular da Universidade Veiga de Almeida com atuação efetiva como professora do curso de Pedagogia e como coordenadora pedagógica dos cursos de EAD iniciados a partir de 2003.

E-mail: dmelo@uva.br Orcid: 0000-0002-1659-8399

Recebido em: 29/11/2021

Aceito para publicação em: 19/12/2021